

Presidente rejeitado é coisa perigosa

ELIO GASPARI

Para quem não gosta do Governo, um índice de rejeição de 65% pode ser motivo de festa.

Será? Falta levar em conta o outro lado do balcão. Nele está um presidente, recebendo nas costas o chicote da opinião pública. De nada adianta argumentar que é injusto atirar sobre FFH uma rejeição maior do que aquela que foi dada a Fernando Collor. Está dada. Jogo jogado. Ainda assim, quando se dá a um presidente com mais três anos de mandato uma rejeição desse tipo, deve-se entender que o país será governado por um rejeitado. Pode ser inevitável, mas é perigoso.

Um presidente rejeitado faz como FFH fez na segunda-feira. Acusa o Congresso de não ter votado as reformas que pediu.

O Congresso votou, a seu pedido, a mais profunda (e daninha) reforma constitucional da história republicana. Permitiu a reeleição dos ocupantes de cargos executivos. Essa foi a reforma na qual o Planalto realmente teve o empenho de lutar contra o relógio. Como FFH queria a reeleição para si (e não "para o Brasil", como gosta de repetir) fez o que podia e o que não devia para votar a emenda a tempo de usufruí-la.

O Governo de FHH está chumbado porque seguiu uma polítikeconômica ruinosa, baseada num populismo cambial que perseguia o mesmo objetivo central de seu primeiro mandato: a reeleição.

Como 65% da opinião pública nacio-

nal estão com raiva de FFH, é perda de tempo arrolar os desastres que deixou pelo caminho. Vale mais conjurar os que vêm pela frente.

Um presidente impopular tende a atribuir suas dificuldades aos outros. Nesse sentido, o ataque feito pelo presidente ao Congresso na segunda-feira chegou a ser banal. Algum dia ele poderá culpar os ciclistas e continuará sendo banal.

Um presidente impopular tende a fugir dos problemas. Depois de ter atacado o Congresso, composto pela Câmara e pelo Senado, telefonou aos presidentes das duas casas, explicando que não se referira aos seus plenários. Claro, a culpa é dos ciclistas.

Um presidente impopular tende a evitar a sala de despachos do Palácio do Planalto. João Figueiredo ia para o Rio. José Sarney ficava no Alvorada. Há uns seis meses, FFH vem fazendo a mesma coisa. Passa diversas manhãs na residência oficial.

Um presidente impopular evita sair de Brasília. Quando viaja, contorna as grandes cidades. Sempre que pode, vai à Amazônia ou ao fundo do sertão. FFH já entrou há tempo no circuito igarapé-mandacaru.

Um presidente impopular cria dois tipos de ministros. Um faz o tipo compadecido. É tão prestativo quanto inócuo. Outro, faz o gênero "eu-saio-inteiro". Cata e guarda as migalhas do po-

der esfarelado, supondo que poderá vir a juntá-las. Terminado o Governo, descobre que juntou pão dormido. As duas espécies já podem ser vistas nas cerimônias de Brasília.

A conjunção de todos esses fatores cria um círculo vicioso. Por ir mal, o Governo comporta-se mal e acaba indo pior. A impopularidade que a opinião pública dá ao presidente acaba prejudicando a qualidade do serviço que paga para receber. Esse problema só poderia ser resolvido por uma hipocrisia generalizada: a patuléia fingiria que o Governo vai bem, para que ele paras-se de piorar. Como essa solução é impossível, é preciso buscar outra.

Ela existe. Em vez de se torcer para que FFH chegue ao final de seu mandato com um índice de 132% de rejeição (incorporando-se o mau humor do Mercosul), pode-se tentar outro caminho. É o caso de se olhar para a oposição.

Quem vem depois de FHH? Propõem o quê? Acompanhado de quem? Para começar a conversa: alavancado por que tipo de lista de doadores de campanha? Para continuá-la: o que acham de um reordenamento constitucional, sem reeleição, com mandatos de cinco anos?

Há hoje pelo menos quatro candidatas à Presidência da República (Mário Covas, Luís Inácio Lula da Silva, Ciro Gomes e Itamar Franco). Seria o caso de lhes pedir que ajudassem a de-

sobstruir o debate, ocupando-o com suas propostas. Desde já, é bom dizer que eles as têm. Essa história de que a oposição não tem projeto é uma das mais velhas lorotas da História nacional. Os males do Brasil, além da saúva, decorreram do mau desempenho (para não mencionar os propósitos) dos governantes e não da falta de idéias de quem esteve ao sol. Nesse sentido, o professor Fernando Henrique Cardoso é exemplo lapidar. Príncipe no oposicionismo, deu no que deu quando achou que tinha entendido tudo.

Tem gente que acha que foi enganada por Fernando Henrique. Em geral, essas pessoas dizem que também foram enganadas por Fernando Collor. Muitos deles são filhos de eleitores enganados por Jânio Quadros. Cria-se assim uma situação absurda. Um eleitorado de pessoas que preferem ser enganadas, mas detestam enganadores.

Em alguma esquina dos próximos anos o Governo de FFH melhorará. Sua popularidade ganhará um refresco, mas a ruína que produziu continuará do mesmo tamanho. Ele corre o risco de terminar seu reinado como Luís XV. Demorou-se tanto que nem anacrônico se tornou. Ficou fora de moda mesmo.

Muito mais interessante do que praguejar contra suas políticas, haverá de se discutir a política que se deseja ter depois que ele abandonar a cena. Pode parecer cedo, mas pelo menos não é repetitivo.

ELIO GASPARI é colunista do GLOBO.

15 SET 1999

O GLOBO